

CHE – GUERRILHA:

Uma análise à luz de Carl Von Clausewitz e T.E. Lawrence

Kátia Mirna Souto

Thais Bonini Pereira¹

Em “O Povo em Armas”, Clausewitz considera a guerrilha como apenas um outro meio de guerra; a insurreição geral “é uma intensificação e ampliação do processo de fermentação conhecido como guerra” (CLAUSEWITZ apud ÁVILA, 2004) . O foco do autor é nas condições necessárias e em como utilizar a guerrilha. Ele afirma que guerrilha nunca deve ser usada para fazer as ações principais da guerra, porque, por ser uma força irregular, não tem preparo, devendo ser conduzida em conjunto com o exército regular. No filme “*Che: Guerrilha*” fica claro que Guevara, ao contrário, acredita que a guerrilha pode e deve ser utilizada em ações principais, pois seus homens não agem acompanhados por ações de uma força regular; só o grupo guerrilheiro luta pela “libertação da Bolívia”.

Para o autor, a guerrilha não pode ser usada contra a força principal do oponente, isto, é, seu exército; ela deve operar marginalmente em relação ao teatro de operações. No final do filme, entretanto, como a guerrilha atua sozinha, ela se envolve num combate com a força regular boliviana, quando esta consegue encontrar os rebeldes.

A guerrilha, segundo Clausewitz (1984), não deve fazer batalhas, e sim “escaramuças”; é usada em última instância, para auxiliar a atuação do exército regular. O grupo guerrilheiro, então, lutaria pela tática do “*hit and run*”, se misturando com a população local, o que criaria sucessos táticos que levam a um efeito multiplicador importante. No caso da guerrilha de Che, além de ela atuar sozinha, seus componentes são em grande maioria cubanos ou mesmo de outras nacionalidades, havendo poucos bolivianos envolvidos na causa. Por isso, foi mais difícil se misturar com a população local.

Quanto ao modo como deve ser organizada e posicionada, Clausewitz defende que quanto mais espalhados os guerrilheiros estiverem, maior será seu efeito, pois será sentida como um “efeito de névoa” – mesmo se for abafada numa região, poderá aparecer em outras. De fato, a guerrilha de Che se espalhou, na medida em que se dividiu em dois grupos que atuavam sempre em regiões distintas. No entanto, como o número de guerrilheiros era pequeno, não foi possível estar presente em diversas regiões, causando um grande “efeito de névoa”. Ainda assim, a disposição estratégica das forças

¹ Graduandos do curso de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

guerrilheiras acabou por gerar a necessidade no oponente – no caso, o exército boliviano – de organizar escoltas para comboios e de se espalhar no terreno de forma a criar uma zona de proteção de suas bases. O governo boliviano, quando percebeu que a situação estava se agravando, ordenou que seu exército se espalhasse pela selva – onde os guerrilheiros estavam dispersos –, cercando cada zona e cortando as fontes de abastecimento da guerrilha. Além disso, resolvem estabelecer um posto de comando no encontro das passagens de La Tusca, San Antonio e Yuro, por onde os guerrilheiros poderiam tentar escapar quando o exército os encontrasse.

Do ponto de vista da guerrilha, Clausewitz insiste que “é preciso escolher pontos de defesa como pontes, montanhas e desfiladeiros” (CLAUSEWITZ apud ÁVILA, 2004), o que de fato acontece na guerrilha de Che: seus homens se escondem nos desfiladeiros da selva quando vêem que o exército boliviano se aproxima. Clausewitz afirma também que a resistência não pode se concentrar demais, pois isso daria oportunidade para que o oponente concentrasse força suficiente a anulá-los. Essa concentração acaba acontecendo com a guerrilha de Che devido ao incidente em que o exército boliviano preparou uma emboscada para um dos grupos guerrilheiros, executando todos seus componentes. Assim, o grupo restante ficou concentrado, porque como o número de seus componentes era pequeno, não poderia ser dividido. Por isso, num dado momento em que o exército boliviano, muito mais numeroso, encontra o grupo de Che, este fica acuado e acaba ficando na defensiva, algo que não é recomendado para uma guerrilha, visto que é ela quem deseja mudar o *status quo*.

Clausewitz cita, então, as “condições para que um levante seja efetivo é que (1) a guerra deve ser travada no interior do país; (2) não pode haver catástrofe que impeça seu uso; (3) o teatro de operações deve ser grande; (4) o caráter nacional deve ser adequado a este tipo de guerra; e (5) o país precisa ser inacessível” (CLAUSEWITZ apud ÁVILA, 2004). A primeira, a segunda, a terceira e a quinta condições são observadas na guerrilha de Che, pois ela opera na selva boliviana e não sofre nenhuma catástrofe durante o período em que lá se encontra. A quarta condição, no entanto, não ocorre, dado que a população boliviana não apóia a causa rebelde. De fato, nem mesmo os componentes da guerrilha são em sua maioria bolivianos.

Por fim, Clausewitz defende que os guerrilheiros “não podem sofrer muitas reverses táticas, pois isso mina a vontade do povo de lutar” (CLAUSEWITZ apud ÁVILA, 2004). Isso é observado na guerrilha de Che, à medida que vão ocorrendo baixas em seu grupo; os guerrilheiros vão deixando de ter a perspectiva de ganhar, pois além de perder seus companheiros, passam diversas necessidades físicas, como fome e doenças.

A análise do filme “*Che: Guerrilha*”, à luz da teoria de T.E. Lawrence, pode ser orientada a partir da Trindade Lawrenciana, começando pelo elemento algébrico das coisas ou heucástico. Este

elemento, que para Lawrence seria “uma ciência pura, sujeito à lei matemática, inumano” (LAWRENCE 2004, apud ÁVILA, 2009) seria o mesmo que comparar dados, quantidade de soldados e é evidenciado no filme no momento em que os homens de Che informam que o exército boliviano tem um pelotão, com inúmeros soldados se aproximando e Che e sua força irregular estão em desvantagem. Naquele mesmo momento, discutem sua posição no teatro de operações, que caracteriza outro ponto do elemento algébrico. É quando um dos homens sugere árvores como pontos de observação sobre a colina e que se coloquem nas quebradas.

Quanto ao elemento biológico das vidas ou bionômico, transpondo este para a luta armada de Che na Bolívia, destacamos o efeito das mortes que ocorriam no grupo sobre os que sobreviviam. Segundo Lawrence, “uma morte individual, como um seixo derrubado na água, poderia fazer apenas um buraco leve; ainda assim, anéis de pesar se alargariam a partir dele.” (LAWRENCE, 2004, apud ÁVILA, 2009, p. 89). A cada contato com o inimigo, o que para Lawrence (2004) deveria ser evitado por parte das forças irregulares, ocorriam baixas e a disposição e moral do grupo eram afetadas de forma negativa. Alguns já pensavam em voltar para casa e outros não viam perspectivas na luta.

Sobre o terceiro elemento, o elemento psicológico, é importante lembrar:

“O corolário principal era a ‘inteligência’ perfeita, para que pudéssemos planejar com certeza. O agente principal deveria ser a cabeça do general, e seu conhecimento deveria ser infalível, sem deixar espaço para o imprevisto. A moral parecia ser construída sobre o conhecimento e ser quebrada pela ignorância. Se soubéssemos tudo sobre o inimigo estaríamos confortáveis. Deveríamos empreender mais esforços a serviço das informações do que qualquer força regular já empreendeu”. (LAWRENCE, 2004) (tradução nossa)².

No entanto, esse corolário não se identifica no grupo de Che. Mas, ao contrário, quem o apresenta é o exército boliviano que arregimenta agentes da inteligência americana e inglesa para estudar as ações da força irregular liderada por Che e para se infiltrar no grupo e conseguir informações. O que provoca mais baixas entre colaboradores de Guevara.

Complementando a análise, remetemo-nos a alguns dos Pilares da Rebelião, citados por Lawrence, cuja ausência no caso analisado chamaram a atenção. O primeiro seria a posse de uma base inatacável, protegida não apenas do ataque, mas do receito de um ataque. (LAWRENCE, 2004). A força irregular de Guevara não possuía tal base. O grupo se deslocava de acordo com a necessidade de escapar do exército boliviano ou na tentativa de avançar rumo aos seus objetivos, mas não é possível identificar uma base, muito menos inatacável.

² Original em inglês: “The corollary of such a rule must be perfect ‘intelligence’, so that we could plan in complete certainty. The chief agent must be the general’s head, and his knowledge must be faultless, leaving no room for chance. Morale seemed to be built on knowledge and to be broken by ignorance. If we knew all about the enemy we would be comfortable. We should take more pains in the service of news than any regular staff ever took.” (LAWRENCE, 2004)

Um outro pilar, e o que aparentemente mais afetou a luta de Guevara, é o que se refere ao apoio da população. Lawrence propõe que a guerrilha conte com o apoio da população a tal ponto que seus movimentos não sejam traídos e os do inimigo revelados. No entanto, a população não apoiava a luta, fosse por aversão aos estrangeiros, ou por coerção por parte do exército boliviano, o que nos leva de volta ao terceiro elemento da teoria, na qual é importante a confrontação das mentes envolvidas na guerra, principalmente a do povo, de acordo com Ávila (2009).

Referindo-nos ao quinto pilar, as forças rebeldes que deveriam ser suficientemente rápidas para fugirem do combate, encontravam sempre dificuldades para fazê-lo, pois tinham que lidar com doenças entre os homens e com a fome. Tampouco eram logisticamente independentes de toda e qualquer linha de abastecimento. O que se via era justamente a falta constante de suprimentos, o que obrigava os guerrilheiros a dependerem da vontade dos camponeses venderem o pouco de suprimento que tinham para si e suas famílias. E essa constante exposição e contato com camponeses os tornavam mais vulneráveis à traição. Deveriam ainda, para Lawrence (2004), ter grande conhecimento do clima e do terreno, mas no caso de Guevara, ele mesmo não estava em sua terra-natal, assim como parte dos seus homens, o que os impedia de terem o conhecimento necessário. E por fim, os rebeldes deveriam ser tecnicamente capazes de atacar e destruir seus alvos nas linhas e nexos do inimigo, o que não foram capazes de executar.

Não resta dúvida de que em sua luta armada na Bolívia, na década de 60, Che Guevara arregimentou homens notoriamente despreparados para combate. Eram todos voluntários pouco treinados para a função, o que é uma característica da maioria das forças irregulares, segundo Ávila (2009, p. 93). A luta fracassou e a tentativa de um levante popular na Bolívia termina com a execução de Che Guevara.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Rafael. Sobre as Guerras Não-Convencionais. Sobre a Guerrilha. In: Ávila, Rafael; Rangel Leandro de Alencar, **A Guerra e o direito internacional**, 1.ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2009

CLAUSEWITZ, Carl Von. The People in Arms. Cap. 26.
Disponível em: http://www.educaleaks.com/textos_para_download_11.html
Acesso em: 05 Abril 2011

LAWRENCE, T. E. Seven Pillars of Wisdom: Complete Oxford Texts. Cap. 35
Disponível em: http://www.educaleaks.com/textos_para_download_11.html
Acesso em 05 Abril 2011

LAWRENCE, T.E. Seven Pillars of Wisdom. Book III Chapter 35 Strategy and Tactics
Disponível em: http://www.educaleaks.com/textos_para_download_11.html

Acesso em: 05 Abril 2011

SODERBERG, Steven. **Che: Guerrilha**

Espanha/França/EUA, 2008. 1 Vídeo – disco (131 minutos), cor.